



X COLÓQUIO INTERNACIONAL

"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

Letramento e ensino: inclusão social e aprendizagem

ADRIANA NUNES DE SOUZA

EIXO: 15. ESTUDOS DA LINGUAGEM

RESUMO: O mundo passa, atualmente, por uma evolução tecnológica que impõe a todo o momento, desafios que exigem uma visão mais crítica e ampliada sobre os recursos que estão a nossa volta, isto traz a necessidade de discutir a questão do letramento e ensino. A pesquisa analisou, em oficinas, as práticas pedagógicas do ensino de leitura de diversos docentes e a partir de uma intervenção buscou inserir a prática social da leitura e sua importância para o letramento, a relação entre o prazer de ler e a formação do gosto leitor, e a importância da oralidade para o letramento. Tratou-se, portanto, a formação leitores como algo que requer condições favoráveis para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura e assim possibilitar uma inserção social maior, pois a leitura possibilita uma melhor aprendizagem, sendo esta um mecanismo de inclusão.

PALAVRAS-CHAVE: letramento, ensino, formação do leitor. **ABSTRACT:** The world has currently been undertaken by technological changes that imposes all the time , challenges that demand a more critical and expanded view on the resources that are around us , this brings the need to discuss the issue of literacy and education. The research examined in workshops the pedagogical practices of several teachers and from an intervention aimed to present the social practice of reading and its importance to literacy, the relationship between the pleasure of reading and the formation of the enjoying of the reader, as well as the importance of orality for literacy. Therefore it treated the formation of readers as something that requires favorable conditions for the development of practice and love of reading and this way to enable greater social inclusion , for reading enables better learning , this being a mechanism of inclusion. **KEYWORDS:** literacy , education, formation of the reader.

INTRODUÇÃO Uma preocupação constante dos professores (não apenas os das séries iniciais,

mas também os do Ensino Médio integrado ou não) é a formação de um leitor, de um aluno que leia e interprete os textos que o envolvem na sala de aula e na vida fora da escola. Essa preocupação motivou o estudo que analisou a prática pedagógica propondo soluções que façam da leitura algo mais prazeroso, atraente para seu público – que é o alunado – e próximo da realidade do aluno, proporcionando assim a construção do conhecimento. Nesse sentido, acredita-se que é necessário inserir na escola novas perspectivas e formas de trabalhar a leitura e a produção textual, fazendo do professor um orientador, o qual pergunte: “que atividades meus alunos devem fazer para aprender”, e não pergunte: “o que devo ensinar a meus alunos”. Esse profissional insere-se no mundo contemporâneo que passa atualmente por uma evolução tecnológica a qual impõe, a todo momento, desafios que exigem uma visão mais crítica e ampliada sobre os recursos que estão a nossa volta. Nesse contexto, vêm-se alterando as práticas culturais de leitura e modos de ler, sinalizando para uma análise das práticas de “LETRAMENTO”, pouco enfrentadas nos processos de alfabetização. Segundo Magda Soares (1998, p.47) letramento “é estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a leitura e a escrita”. Partindo desse pressuposto, a ressignificação das práticas de formação de leitores é necessária e urgente, exigindo um compromisso político e sistemático da Universidade na formação do professor. Surge, dessa forma, um novo paradigma no que diz respeito às intenções dos atos de ensinar a ler e a escrever: é mobilizar os elementos de criação a partir da vivência: “o sentido do que se lê é produzido exatamente na relação entre ler o texto e ler o contexto, em que a compreensão não é algo imóvel, estático, pronto, à espera do leitor...”(FREIRE, 1986, p.22). A construção parte do que é produzido e construído nas relações entre texto, leitor e contexto. Portanto, formar leitores é algo que requer condições favoráveis para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura. Para isso, torna-se necessário lembrar as teorias relacionadas ao letramento, e a pesquisa fez este estudo associando os multiletramentos à necessidade da formação de um leitor competente para que haja o êxito escolar. **MATERIAS E MÉTODOS** Foram reunidos professores do ensino fundamental e médio que atuam em escolas públicas e particulares do município de Arapiraca. Inicialmente, tivemos uma grande dificuldade para iniciar a execução da pesquisa, pois a recepção dos professores foi bastante problemática, muitos não se interessaram por não haver maior remuneração por terem participado, ou por alegarem falta de tempo, já que a maioria trabalha os três horários. A pesquisa foi iniciada com a participação de 10 professoras da educação básica, estas bastante interessadas no tema e declarando-se ávidas por redescobrir o ensino de língua, já que encontravam muitas dificuldades na formação do leitor. Foram discutidas as práticas dessas docentes e as que são disseminadas nas escolas em que trabalham (das redes públicas estadual e municipal, ou da rede privada) e verificou-se que o letramento, a leitura, é vista em um segundo plano nas aulas; em geral, a gramática é o foco das aulas de Língua Portuguesa. A discussão feita com as docentes revelou que

leitura e a escrita ocupa espaço pouco privilegiado no cotidiano e na vida escolar da população da cidade. Após essa verificação, para a intervenção, foram elaboradas e executadas oficinas de leitura, nelas eram sugeridas atividades para que as professoras participantes do projeto pudessem aplicar nas salas de aula, do ensino médio e fundamental, e depois pudéssemos avaliar os resultados. Foi feita a discussão de temas ligados à análise do discurso e às variantes linguísticas (estas na perspectiva de Marcos Bagno), verificamos que o preconceito linguístico ainda existe entre as docentes participantes. O trabalho com as variantes proporcionou uma ampla discussão quanto ao uso da linguagem de internet como suporte para a aula de Língua Portuguesa, já que não podemos nos afastar do uso cotidiano do idioma e considerá-lo é fundamental para a aprendizagem da norma culta. Também foram discutidas nos encontros questões relativas aos gêneros textuais (a teoria, em especial de Bakhtin, Pêcheux e Fiorin e a prática, apresentando contos, crônicas, canções, charges, quadrinhos, artigos de opinião e as possibilidades de trabalho com eles). Para as discussões e oficinas foram utilizadas cópias de textos dos teóricos trabalhados e textos literários de diversos gêneros, além de canções e textos jornalísticos.

RESULTADO E DISCUSSÃO O conceito de letramento teve seu uso iniciado nos meios acadêmicos para diferenciar os estudos sobre “o impacto social da escrita” dos estudos sobre a alfabetização escolar os quais destacam as competências individuais no uso da escrita. Sua definição, entretanto, é bastante difícil, por isso o termo não está ainda dicionarizado, pois os estudos sobre letramento envolvem não apenas a escrita mas também a oralidade: uma criança pode estar em contato com práticas de letramento antes mesmo de saber ler e escrever, como veremos adiante, a exemplo, compreender uma frase como a fada madrinha vai trazer, está reconhecendo um enunciado próprio da escrita. Na oralidade, muitas vezes usamos expressões como “deixe-me fazer um parênteses”, para ser compreendida essa expressão nos leva a uma associação com a escrita. Até mesmo gestos podem nos conduzir a eventos de letramento com as mãos alçadas que repetem a forma das aspas e que associam oralidade e escrita. Podemos hoje definir letramento “como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia em contextos específicos e para fins específicos” (KLEIMAN, 1995). Os estudos sobre letramento examinam o desenvolvimento social que acompanhou o uso da escrita desde o século XVI, opõem oralidade e escrita, estudam as várias agências de letramento como a família, a igreja e a escola, esta divulgadora do modelo predominante de letramento: a alfabetização e o modelo autônomo, e responsável pela dicotomia alfabetizado e não-alfabetizado. No modelo autônomo de letramento a escrita é um produto completo que não se vincula ao contexto, portanto para interpretá-la não há a necessidade de conhecê-la. A interpretação estaria assim determinada pelo funcionamento interno do texto escrito sendo independente das reformulações estratégicas que são características da oralidade, tais como a improvisação e a função do interlocutor, as quais alteram a forma da mensagem. Dessa forma, no modelo autônomo, escrita e oralidade são categorias distintas, para

nosso projeto não pensamos esse modelo, mas no modelo ideológico de letramento. Street denomina modelo ideológico de letramento aquele em que as práticas de letramento são consideradas não apenas aspectos de uma cultura, mas as estruturas de poder de uma sociedade. Segundo ele, qualquer estudo etnográfico do letramento atestará, por implicação, sua significância para diferenciações que são feitas com base no poder, na autoridade, na classe social, a partir da interpretação desses conceitos pelo pesquisador. Assim, já que todos os enfoques sobre letramento terão um viés desse tipo, faz mais sentido, do ponto de vista da pesquisa acadêmica, admitir e revelar, de início, o sistema ideológico utilizado, pois assim ele pode ser abertamente estudado, contestado e refinado. (KLEIMAN, 1995) Logo, o modelo ideológico não pode ser considerado uma negação dos estudos realizados pelo autônomo, mas deve relacionar os correlatos cognitivos da aquisição de escrita na escola às estruturas culturais e de poder que o contexto da aquisição escolar representa. Ele torna-se assim importante para a questão da leitura e da formação da cidadania, pois neles as práticas discursivas são relacionadas aos eventos de letramento, sendo objetivo do projeto a formação de um leitor completo é necessário pensarmos nesse letramento. Vemos, pois, que no modelo ideológico há o pressuposto de que as práticas de letramento se alteram de acordo com o contexto, assim as diferenças nas práticas discursivas de classes socioeconômicas distintas ocorrem devido à forma como elas integram a escrita em seu cotidiano. Pressupomos, pois, que a leitura seja constante nas práticas escolares e não se restrinja às aulas de língua portuguesa, como afirmam OLIVEIRA e ANTUNES (2013):

É sabido que a escola é um espaço onde a leitura deve acontecer a todo momento e não somente em aulas de língua portuguesa, mas também nas demais disciplinas. E essa leitura não pode ser realizada de qualquer forma, O ambiente escolar precisa propiciar aos alunos, antes de tudo, uma leitura orientada pelo professor, objetivando que eles alcancem o maior grau de compreensão possível.

Infelizmente não é isso que temos visto na grande maioria das escolas brasileiras. A negligência dos professores na mediação durante as atividades de leitura é uma atitude corrente nas escolas de nosso país, mesmo tendo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) assumido como foco principal do trabalho do professor atividades que pressupõem um conjunto de habilidades e estratégias direcionadas a compreender textos e a aprender a partir deles.(BORTONI-RICARDO, 2013, p.64) À questão da leitura, associa-se a produção textual, MARCUSCHI (2001) afirma que:

Os exercícios de compreensão raramente levam a reflexões críticas sobre o

texto e não permitem expansão ou construção de sentido, o que sugere a noção de que compreender é apenas identificar conteúdos. Esquece-se a ironia, a análise de intenções, a metáfora e outros aspectos relevantes nos processos de compreensão. Estudou-se, assim, em que medida isso é relevante em nossa realidade e como isso influencia a produção textual discente. Assim, o problema da leitura na escola, para ser sanado, precisa superar a visão de que a leitura é a mera decodificação de grafemas e de regras gramaticais. Precisa pensar a leitura como um processo de construção do significado, que envolve interação com a memória e a ativação de diversos esquemas que possibilitam a compreensão de cada novo texto apresentado. Essa formação da uma memória discursiva, no Brasil, é bastante díspar, pois nas classes abastadas, com alta escolarização, o livro e as personagens infantis fazem parte do universo da criança desde muito pequena; o livro é encarado como diversão, e a leitura é feita de modo interativo, a criança é estimulada a falar sobre o livro, a analisar aquilo que leu ou que ouviu. As famílias com alto nível de escolarização, portanto, antecipam o que a escola deveria fazer, nessas famílias ouve-se a criança e estimula-se o contar histórias, a imaginação. Nas classes com baixa escolarização, nas comunidades carentes tão comuns no Brasil, o conteúdo dos eventos de letramento é diferente, praticamente não há livros, e quando eles existem não se estendem as perguntas ao mundo externo ao livro, não há analogias, a criança é desencorajada a falar, ela deve ser ouvinte. Nesse contexto, não se deixa a imaginação interromper o relato factual ou moral do adulto. Essa diferença reflete-se no sucesso escolar da criança, as de classes com alto nível de escolarização terão facilidade para lidar com o letramento escolar, já as provenientes de classes com baixo nível de escolarização terão dificuldade de lidar com os problemas e com o mundo da leitura. Cabe à escola mudar essa realidade através da formação do leitor, não se pode, pois, ter como predominante nas práticas escolares o modelo de letramento autônomo, o qual considera como vimos, aquisição da escrita como um processo neutro que independente do contexto social deve desenvolver no aluno a capacidade de interpretar e escrever textos; isso apenas se prestaria à manutenção de um sistema reproduz a desigualdade agravando a pobreza e o analfabetismo generalizado. A escola precisa superar isso e trazer a leitura para a prática escolar de modo efetivo contribuindo para o letramento, ou melhor, para os multiletramentos (como

o digital, o literário...) que possibilitam a superação do problema e a formação de um leitor competente. A prática escolar que visa ao domínio da escrita e da compreensão de um texto abstrato pressupõe a polarização oralidade e escrita, por isso, para ser coerente, dever-se-ia analisar ambas, o que em geral não ocorre. O ensino, nessa concepção tem como objetivo iniciar e avançar num processo que culmina na produção de um texto formal em oposição ao texto oral. Esse texto (o escrito) revelaria assim, um planejamento prévio que geraria um texto ordenado de estrutura reconhecível (dentro de algum gênero). No plano referencial dos conteúdos, teríamos, como fim da escolarização, um texto mais abstrato que o texto oral. Entretanto sabe-se que este fim nem sempre é alcançado, vêem-se textos de pessoas com oito, dez anos de escolarização que têm problemas estruturais e de compreensão, mesmo a leitura tem problemas de interpretação. As deficiências no sistema educacional ou o fato de o professor muitas vezes não ser representante de uma cultura letrada ou ainda as falhas no currículo, segundo Kleiman, não justificam esse fenômeno. As falhas para ela estão ligadas ao próprio modelo de letramento escolar. A concepção de ensino como o desenvolvimento das habilidades necessárias para produzir uma linguagem cada vez mais abstrata está em contradição com outros modelos que consideram a aquisição da escrita como uma prática discursiva que na medida em que "possibilita a leitura crítica da realidade, se constitui como um importante instrumento de resgate da cidadania e que reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social". (FREIRE, 1991, apud KLEIMAN, 2008) Na concepção freiriana, a escola brasileira precisa, portanto, tornar-se um lugar de transformação e não de eternização de práticas sociais excludentes, assim é fundamental a academia unir-se à comunidade para que esse quadro se altere, que a leitura seja de fato uma realidade e um prazer para o público atingido pelo projeto. Há ainda a preocupação com a formação do gosto, a qual, associada à transformação do prazeroso não se dá num passe de mágica, é preciso trazer a leitura para "despertar" o sabor de ler, propiciar condições para o prazer como satisfação de necessidades, para a consciência social da leitura, para a argumentação fundamentada e para o julgamento estético, com vistas à tomada de consciência das opções em função dos propósitos do sujeito leitor. A leitura deve estar articulada às

práticas de produção e análise de textos, para que se caracterize como conhecimento de opções, que, à medida que se tornam conscientes, podem ir sendo utilizadas pelos alunos para seus propósitos de leitores e autores. Nessa perspectiva, a dramatização e a discussão acerca dos textos é fundamental para que os participantes construam o conhecimento e formem-se como leitores críticos e conscientes. A formação do gosto envolve também a diversidade como princípio norteador da seleção e utilização dos textos literários e da reflexão sobre o desenvolvimento dos destinatários, para um aqui e agora e para um futuro que se constroem. As leituras de que os alunos gostam podem e devem servir como ponto de partida para a reflexão, análise e comparação com outros textos (inclusive os produzidos pelos alunos), articuladas aos objetivos didático-pedagógicos da escola na qual está inserido. A formação do gosto não se baseia em exercícios escolares de interpretação. Diz respeito à vida, à formação de uma visão de mundo. Por isso a inserção da criança e do adolescente no mundo da literatura (canônica ou não) torna-se fundamental; eles precisam fazer da leitura um hábito prazeroso, e não uma obrigação. Não podemos abandonar o papel histórico que nos cabe, como cidadãos e professores, de nos formarmos como leitores para interferirmos criticamente na formação de outros leitores. Esta proposta de formação do gosto nem se assenta em produtos, nem é controlável: é um movimento vivo de contradições que instigam caminhos mais adequados de superação, a partir dos princípios que iluminam o perfil de sociedade que queremos. Por isso aproximar o público da literatura e da leitura é de fundamental importância, pois isso contribuirá para a formação do cidadão e para o desempenho escolar dos participantes. Assim foram programadas as oficinas e as discussões com os professores, pois analisar e discutir as práticas escolares foi fundamental para que se compreendesse a importância da leitura para o sucesso escolar e a implicação que sua ausência traz para o fracasso dos discentes; a discussão possibilitou a formulação de atividades que intervieram na prática docente dos professores participantes da pesquisa. Com a intervenção, pudemos verificar que a mudança na prática docente possibilitou um desenvolvimento significativo nas práticas de leitura e contribuiu para um efetivo letramento dos discentes. Sabe-se que se o leitor for competente, capaz de reconhecer a importância de técnicas argumentativas e recursos retóricos em textos argumentativos, entenderá melhor as técnicas de produção de textos deste

tipo e conseqüentemente terá um melhor desempenho escolar; o que possibilita a inclusão social, portanto o trabalho com a leitura é essencial para a escola. **CONCLUSÃO** A leitura é o veículo para o sucesso escolar e a inclusão social, pois possibilita a análise crítica e a compreensão real dos diversos componentes curriculares e do mundo em que o discente se insere. O letramento é condição para a inclusão social, pois a vivência das situações de comunicação e o contato com os diferentes gêneros que surgem na vida cotidiana exercitam a competência linguística do falante/ouvinte produtor de enunciados. A saber: competência linguística é um conceito aprofundado, que possui certa complexidade, mas que aqui está recortado no sentido de que todos nós somos aptos, temos uma estrutura interna que, aliada ao social, faz com que consigamos perante determinada estrutura e contexto, definir a que categoria um dado enunciado pertence. Essa competência é inerente ao ser humano social, que interage, comunica, cria e recria. Na medida em que um indivíduo avança em grau de escolaridade, na medida em que ele tem um maior contato com a leitura, ele tende a tornar-se cada vez mais proficiente na operacionalização de variadas categorias textuais. Da mesma maneira experiência de vida e cultura geral fazem evoluir linguisticamente os falantes, e isso torna a leitura fundamental para a formação discente e para a formação do cidadão. Se a educação há muito se preocupa com a construção do conhecimento a partir da realidade do aluno, e a comunicação e a leitura do mundo são parte dessa realidade, o professor, nesta realidade, precisa saber orientar os educandos sobre onde colher informação, como tratá-la e como utilizá-la. Esse educador será o encaminhador da autopromoção e o conselheiro da aprendizagem dos alunos, ora estimulando o trabalho individual, ora apoiando o trabalho de grupos e sempre inserindo a leitura como recurso para o processo ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **A Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. BELO, André. **História & livro e leitura**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2002. BORTONI-RICARDO, Stella Maris e MACHADO, Veruska Ribeiro (org). **Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito**. São Paulo: Parábola, 2013. BRONCKART, Jean. "Os mecanismos enunciativos" in BRONCKART, Jean. **Atividades de linguagem textos e discursos**. EDUC, 1999. CHARTIER, Roger. **A**

aventura do livro. Do leitor ao navegador. São Paulo, SP: Unesp, 1998. FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez 2000 KLEIMAN Ângela e MORAES, Silvia E. **Leitura e interdisciplinaridade. Tecendo redes nos projetos da escola.** São Paulo: Mercado das Letras, 2003 KLEIMAN Ângela. **Oficina de leitura.** São Paulo: Editora Pontes, 2004 KLEIMAN, Ângela (org.). **Os significados do letramento. Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** 10ª imp. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade. KLEIMAN, Ângela. **Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura.** Campinas, SP: Pontes, 1997. MACHADO, Anna Rachel e CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes. "Construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros" In: **Linguagem em (Dis)curso.** Tubarão. v. 6. n. 3, p. 547-573, set./dez. 2006 MARCUSCHI, Luís Antonio. "Gêneros textuais: definição e funcionalidade", In: **Gêneros textuais & ensino.** Editora Lucerna, Rio de Janeiro: 2002. MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco "falada". In: DIONÍSIO, Ângela Paiva & BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.) **O livro didático de português: múltiplos olhares.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2001. MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão.** 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Mestre em Letras – Estudos literários pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Bacharel e Licenciada em Letras – Português pela Universidade de São Paulo – USP, professora efetiva do Instituto Federal de Alagoas – IFAL – Campus Arapiraca. E-mail: drikalagoas@hotmail.com

Recebido em: 04/07/2016

Aprovado em: 04/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: